



PERCEPÇÕES DE PROFESSORES E JOVENS SOBRE O FUTURO PROFISSIONAL DAS ATUAIS GERAÇÕES¹

Perceptions of teachers and young people about the professional future of current generations

DAMBROS, Marlei²

PERON, Lucélia³

RESUMO

Em um tempo de transformação global, onde as pessoas estão preocupadas com o futuro, como as atuais gerações devem se preparar para ter um emprego? O objetivo desse texto é apresentar percepções de professores e jovens sobre as perspectivas que as atuais gerações têm para ingressar no mundo do trabalho e ter um emprego que garanta um futuro pessoal promissor e o papel da educação nesse cenário. Ele é parte dos resultados de duas pesquisas de tese de doutorado em que os dados foram coletados em entrevistas realizadas com jovens de diferentes contextos sociais, e professores que atuam no ensino médio, no estado de Santa Catarina. O “mundo do trabalho” surgiu como categoria emergente nas duas pesquisas, pois o tema desponta como uma das grandes preocupações dos jovens contemporâneos. Os resultados indicam que os jovens querem trabalhar, que uma grande maioria está priorizando o trabalho ao invés de seguir os estudos e, ao mesmo tempo, eles estão preocupados se terão ou não um emprego que lhes proporcione um futuro melhor, já que, com o advento da informática, robótica e inteligência artificial, possivelmente, cada vez mais aumentará o grupo de pessoas desempregadas ou trabalhando em subempregos.

Palavras-chave: Jovens contemporâneos. Trabalho. Tecnologias.

ABSTRACT

In a time of global change, when people are worried about the future, how should today's generations prepare themselves to have a job? The purpose of this paper is to present teachers' and young people's perceptions of the current generations' prospects for entering the world of work and having a job that guarantees a promising personal future, and the role of education in this scenario. It is part of the results of two doctoral theses in which data was collected through interviews with young people from different social contexts and teachers working in high schools in the State of Santa Catarina. The 'world of work' emerged as an emerging category in both studies, as it appears to be one of the major concerns of young people today. The results show that young people want to work, that a large majority prioritize work over their studies and, at the same time, that they are worried about having a job that will offer them a better future, since with the advent of computers, robotics and artificial intelligence, the number of unemployed or underemployed people may increase.

Keywords: Contemporary youth. Work. Technologies.

¹ Trata-se de artigo inédito, decorrente das pesquisas de doutorado das autoras. As pesquisas foram aprovadas no Comitê de ética em pesquisa com seres humanos da Universidade Federal de Santa Catarina. Uma das pesquisas conta com apoio financeiro do Fundo Estadual de Apoio à Manutenção e ao Desenvolvimento da Educação Superior (FUMDES) do Estado de Santa Catarina, por meio do Programa UNIEDU.

² Doutora em Educação Científica e Tecnológica pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Mestre em Educação pela Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. Graduação em Pedagogia pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó. Pedagoga na UFFS. E-mail: marlei.dambros@uffs.edu.br.

³ Doutoranda em Educação Científica e Tecnológica na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Mestre em Educação pela Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. Graduação em Matemática – Licenciatura pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó. Técnica em assuntos educacionais na UFFS. E-mail: lucelia.peron@uffs.edu.br.

INTRODUÇÃO

As inúmeras transformações tecnológicas, sociais, culturais e geopolíticas, promovem mudanças nos modos de ser e viver da civilização atual. Com isso, ao mesmo tempo em que a humanidade assiste ao seu aparentemente inexorável “progresso” tecnocientífico, também se vê cada vez mais preocupada com o seu futuro. Isso acontece porque “Estamos diante da mudança inevitável do mundo, que está abandonando sua linearidade para assumir sua exponencialidade” afirma Rasquilha (2017, p. 6), no prefácio do livro “Inevitável: as 12 forças tecnológicas que mudarão nosso mundo” de Kevin Kelly. Tais mudanças ocorrem em áreas diversas como casa, mundo do trabalho, relações pessoais, política, economia, comportamento digital etc., atingindo todos os aspectos das nossas vidas. Com isso, “a desatualização é cada vez maior. Algo hoje de sucesso pode não o ser amanhã, porque algo não controlável mudou” (Rasquilha, 2017, p. 6).

Diante disso, temos a necessidade de olhar para o futuro, pois, pelo que apreço, nada será como é hoje. Segundo Rasquilha (2017), o futuro será composto por seis eixos: a velocidade com que as coisas acontecem, que será bem maior; o crescimento demasiado das cidades alterando o conceito de metrópole para megalópole; entender as pessoas (consumidores) como grupos polissociais com comportamentos estereotipados; a universalidade, globalidade e conectividade permanente; o radicalismo positivo, que significa ter coragem para desafiar o estado atual das coisas, pensar diferente e conseguir olhar com outros pontos de vista a realidade atual e o futuro que se aproxima; e a ética, já que precisaremos ser criativos e disruptivos, mas respeitando as pessoas, o planeta e os vários agentes no mercado.

Essa perspectiva de futuro nos leva a algumas reflexões: “Estamos prontos para ele? O que temos feito para preparar nossas empresas, nossas carreiras e – por que não dizer – nossas vidas para esse futuro? Estamos preparados para a disrupção? Conseguimos fazê-la?” (Rasquilha, 2017, p. 8).

Considerações como essas nos dão a oportunidade de analisar o tempo presente, que é um tempo de transformação global, e de nos prepararmos para o futuro, pois, “O futuro acontece para todos, independentemente do país, da profissão, do mercado, das crenças, das convicções ou das certezas. [...] e o maior desafio já enfrentado pela humanidade até agora é o de nos prepararmos para esse futuro novo – e na velocidade dele, não na nossa” (Rasquilha, 2017, p. 9).

E nesse cenário, como se preparar para ter um emprego no futuro? Será que a juventude de hoje acessará carreiras que lhes garanta um futuro promissor? Qual o papel da educação? É sobre isso que esse texto vai tratar, sobre a preocupação dos jovens em relação ao mercado de trabalho, em ter um emprego para garantir o seu futuro pessoal, e a percepção de professores sobre como eles tem percebido essa preocupação dos jovens no dia a dia.

No que concerne à organização do artigo, além desta introdução, o texto apresenta o caminho metodológico percorrido para coleta e análise dos dados; a percepção dos professores sobre a desmotivação dos jovens em relação a educação e o papel da escola nesse contexto marcado por incertezas; e as angústias e inquietações manifestadas pelos jovens acerca do seu futuro profissional. Para encerrar, são tecidas algumas considerações sobre os resultados encontrados e apresentadas as referências que serviram de suporte nesta análise. Em cada item buscamos articular as ideias dos autores que fundamentam os estudos com os dados empíricos.

CAMINHO METODOLÓGICO

Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, que é parte dos resultados de duas pesquisas de doutorado ligadas a um Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica. Uma delas tem como participantes jovens na faixa etária de 15 a 29 anos, pertencentes a diversos contextos sociais – urbanos, universitários, imigrantes, agricultores, em liberdade assistida - situados na região Oeste do Estado de Santa Catarina. E na outra, participaram professores das áreas de ciências da natureza e matemática que atuam no ensino médio, em Santa Catarina. Os dados foram coletados no ano de 2022, com 20 jovens e 25 professores, por meio de entrevistas realizadas, individualmente, com cada participante.

Para análise, utilizou-se a Análise Textual Discursiva – ATD. Proposta por Moraes e Galiazzi (2007), a ATD é compreendida como um movimento interpretativo que utiliza três processos auto-organizados, denominados de: 1) unitarização ou desconstrução dos textos, onde, a partir de uma leitura aprofundada e cuidadosa, examina-se os detalhes do *corpus* textual para identificar as unidades que constituem o fenômeno estudado; 2) categorização, que implica compreender e construir relações entre as unidades definidas inicialmente, para que elas sejam agrupadas e formem conjuntos mais amplos, para se produzir o metatexto; e, 3) a comunicação, que é a elaboração do metatexto, o qual resulta do esforço em explicitar a compreensão dos elementos construídos ao longo dos passos anteriores para captar o “novo emergente”.

Para fundamentação, utiliza-se como referenciais as teorias produzidas por Bauman (2009), Beck (2011, 2018), Berardi (2019), De Masi (2017), Harai (2018), Sennet (2019), dentre outros autores que analisam as transformações ocorridas nas sociedades contemporâneas. Também, realiza um diálogo entre as principais ideias elencadas pelos autores e os relatos dos jovens e professores participantes das pesquisas. O interesse em escrever sobre a temática decorre, especialmente, porque o “mundo do trabalho” surgiu como categoria emergente nas duas pesquisas. Percebe-se que o tema desponta como uma das grandes preocupações dos jovens contemporâneos.

Cabe informar que as pesquisas foram aprovadas em Comitê de Ética e, portanto, atendem as exigências éticas que envolve a pesquisa com seres humanos, e que a coleta dos dados se deu mediante a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos participantes. Também é importante esclarecer que, para preservar a identidade dos jovens e professores utiliza-se nomes fictícios.

O PAPEL DA EDUCAÇÃO EM UM MUNDO ONDE O TRABALHO É CADA VEZ MAIS IMPREVISÍVEL: PERCEPÇÕES DE PROFESSORES

“A revolução tecnológica pode em breve excluir bilhões de humanos do mercado de trabalho e criar uma nova e enorme classe sem utilidade”, afirma Harari (2018, p. 38), em seu livro “21 lições para o século 21”. Segundo Harari, para compreendermos os desafios da revolução tecnológica, é melhor começarmos pelo mercado de trabalho, pois a perspectiva real de desemprego em massa não deixa ninguém de fora. Além disso, não temos ideia de como será daqui 20, 30 ou 50 anos, já que a tecnologia da informação está se juntando com a biotecnologia, e a inteligência artificial está aprendendo a analisar e compreender como os humanos tomam decisões.

A preocupação de que máquinas irão ocupar inúmeros postos de trabalho e causar desemprego em massa, não é recente. Ela existe desde o século XIX, e até agora, o que temos visto é que, para cada emprego ocupado por uma máquina, pelo menos um novo trabalho foi criado. Então, “temos razões para pensar que desta vez é diferente?”, questiona

Harari (2018, p. 40). Segundo o autor, sim! Pois a IA está começando a superar os humanos na capacidade de aprender, analisar e reconhecer padrões para tomar decisões, além de ter “duas habilidades não humanas especialmente importantes que são a conectividade e a capacidade de atualização” (Harari, 2018, p. 43). Nesse contexto, o que precisamos compreender é que,

Como humanos são seres individuais, é difícil conectar um ao outro e se certificar de que estão todos atualizados. Em contraste, computadores não são indivíduos, e é fácil integrá-los numa rede flexível. Por isso estamos diante não da substituição de milhões de trabalhadores humanos individuais por milhões de robôs e computadores individuais, mas, provavelmente, da substituição de humanos individuais por uma rede integrada (Harari, 2018, p. 43).

E com isso, trabalhadores obsoletos “simplesmente terão de achar outra coisa para fazer” (Harari, 2018, p. 46). Num curto prazo de tempo, a robótica e a IA não assumirão setores inteiros da economia, especialmente em atividades menos padronizadas, que exigem cuidado, habilidades motoras, emocionais e criatividade. Entretanto, a longo prazo, nenhuma atividade ficará imune à automação, afirma Harari (2018). Contudo, o autor acredita que novas modalidades de trabalho surgirão e isso compensará a perda de muitos trabalhos tradicionais que deixarão de existir. Mas também alerta que esses novos empregos exigirão altos níveis de especialização e, portanto, não resolverão o problema dos trabalhadores desqualificados. Diante disso, poderemos passar por uma fase de altos níveis de desemprego e de escassez de trabalho especializado. “Consequentemente, a criação de novos empregos e o retreinamento de pessoas para ocupá-los serão um processo recorrente” (Harari, 2018, p. 56).

Analisando o contingente de desempregados, Beck (2011) evidencia que o desemprego e o risco de permanecer desempregado concentra-se nos grupos desfavorecidos como pessoas com baixa formação profissional, mulheres mães, pessoas com mais idade, com problemas de saúde e jovens. Segundo o autor, nenhuma profissão oferece proteção para o desemprego, nem mesmo as carreiras que garantiam ofícios como medicina, engenharia, direito e administração.

Ainda segundo o autor, a sombra do desemprego está difundindo o terror entre os jovens estudantes que, ainda durante o período escolar, já sentem as portas do sistema empregatício fechadas. Mesmo permanecendo por mais tempo nos sistemas de ensino e fazendo cursos suplementares, “um número crescente de jovens formandos em todos os cursos, veem-se lançados à arriscada terra de ninguém dos subempregos precários” (Beck, 2011, p. 220), pois o número de vagas de empregos disponíveis para os universitários vem diminuindo drasticamente. Ou seja, eles estão percebendo que seu futuro profissional não está garantido, já que as “filas de espera” estão cada vez maiores e a regra de passar por uma fase de transição e experimentar empregos ruins, contratos de curto prazo, subemprego e desemprego, é cada vez mais certa.

Segundo Beck (2011), essa instabilidade para ingressar no mundo do trabalho é, de certo modo, dramática para os jovens e está fazendo com que eles percam a esperança de que a educação vai apontar o caminho profissional. Alguns procuram, por si mesmos e de maneira informal, o ingresso num emprego, pois “um diploma já não é suficiente para obter uma determinada posição profissional e, com ela, os respectivos prestígio e renda” (Beck, 2011, p. 224).

Essa situação identificada por Beck (2011), pode ser comprovada no relato do professor Paulo, quando analisa as perspectivas dos jovens estudantes do ensino médio em relação a fazer um curso de graduação e ingressar no mercado de trabalho. O professor tem percebido que nos últimos quatro anos

a procura por um vestibular, pra fazer o ENEM, a vontade de ingressar numa universidade, é muito menor. Não sei se a crise financeira, a questão pandêmica, desanimou eles, ou se o próprio status de pessoas formadas, pois hoje tem engenheiro trabalhando de Uber, por exemplo. Então, ter um diploma já não é mais uma forma de garantir um bom emprego no futuro. Acredito que esse cenário os fez se desmotivarem para continuar os estudos. Dá pra contar nos dedos quantos alunos por turma estão correndo atrás de vestibular, de fazer cursinho, fazer ENEM ou pedir questões do ENEM pra gente ajudar eles. Tenho mais um perfil de alunos trabalhadores, agora. Os alunos dos terceiros anos, a grande maioria deles trabalham como jovem-aprendiz, ou meio período em algum local (Paulo, 2022).

A professora Ana (2022) menciona que a maioria dos seus estudantes trabalham o dia inteiro, estudam a noite, e quando conversam sobre as perspectivas que eles têm sobre o seu futuro, em torno de 10%, 15% deles pensam numa profissão, pretendem fazer o ENEM e querem frequentar uma universidade. Eles trabalham em empregos informais, temporários e, dessa forma, garantem dinheiro para bancar as festas, comprar seu celular.

Com a intenção de conhecer um pouco mais o perfil dos seus estudantes dos segundos anos do ensino médio, a professora Carla (2022) aplicou um questionário nas suas turmas e identificou que 70% deles tem a intenção de fazer um curso superior, mas que o foco imediato é trabalhar para ter o próprio dinheiro. Mesmo os estudantes que têm uma condição financeira melhor, que os pais conseguem sustentá-los, ingressam no mercado de trabalho precocemente. E nesse contexto, Carla (2022) destaca que “quando eles vão para o mercado de trabalho, muitas vezes, eles não conseguem dar conta de trabalhar e estudar, então eu acho que esse é um fator a ser considerado”, já que numa situação assim, acabam desistindo de estudar para continuar trabalhando.

O professor Roberto destaca: “eu escutei uma frase de um estudante do ensino médio, que chamou muito a minha atenção: só faz ENEM quem não se programou na vida”. De acordo com o professor, essa afirmativa o preocupou porque eles não querem fazer um curso de graduação, e ressalta:

Cabe em uma mão quem faz vestibular, e cabe em duas mãos quem faz o ENEM. Então, tem um deslocamento de foco. Hoje a minoria dos estudantes é que não trabalham. Quando muito, no oitavo, nono ano do ensino fundamental, eles já estão ou querem ir para o mercado de trabalho. Então, isso também é um ponto: o mundo do trabalho entrou para dentro da sala de aula com uma força de mercado muito grande, porque às vezes eles competem entre eles, não para quem vai fazer medicina, como era no meu tempo, mas para disputar quem tem emprego e qual salário ganha. Isso leva eles a pensarem: “que graduação que nada”. Eles não pensam em seguir estudando e é preocupante, porque de certa forma, cai por terra qualquer função da escola: o que vamos fazer? As gerações anteriores queriam o ensino superior já pensando numa profissão para o mercado de trabalho. E hoje, nem uma coisa e nem outra fazem sentido, porque eles não veem a escola nem como requisito para o ensino superior, nem como requisito para o mercado de trabalho, porque eles já estão trabalhando, mesmo que seja em atividades temporárias ou subemprego. Então, eles não querem estudar, porque eles já estão desenvolvendo alguma atividade e ganhando um dinheirinho (Roberto, 2022).

A partir da fala do professor Roberto, é possível perceber que nas sociedades contemporâneas “a programação profissional do sistema educacional se torna cada vez mais um anacronismo” (Beck, 2011, p. 223) e, infelizmente, as instituições educacionais ainda não se deram conta dessa situação e nem foram capazes de assimilar isto pedagogicamente. Contudo, “a educação tampouco se tornou supérflua. Pelo Contrário: sem um diploma que ateste qualificação, o futuro profissional fica completamente obstruído” (Beck, 2011, p. 224). Temos, assim, um cenário onde “certificados de qualificação são cada vez menos suficientes, mas ao

mesmo tempo cada vez mais necessários para alcançar as almejadas e disputadas posições profissionais” (Beck, 2011, p. 224), pois finalizar os estudos na educação básica “implica tomar um caminho sem volta na direção da ausência total de oportunidades profissionais” (Beck, 2011, p.225).

Ainda segundo Beck (2011), mesmo o diploma não sendo garantia de coisa alguma, ainda é, mais do que nunca, a condição prévia para se defender do desespero do desemprego. À beira desse abismo, porque a carreira profissional não está mais à vista, o que resta é “engolir de colherada em colherada o mingau insosso das exigências educacionais” (Beck, 2011, p. 228), já que, cada vez mais, ampliam-se as zonas cinzentas para o emprego clandestino e não registrado.

Diante desse cenário, será que os atuais jovens terão energia e resistência para lidar com a imprevisibilidade e volatilidade do mercado de trabalho? Terão bem-estar psicológico para enfrentar essa situação? Que preocupações estão presentes na vida dos jovens em relação ao seu futuro profissional? É possível aliviar a situação para as atuais e futuras gerações? Vamos ver o que eles pensam sobre isso no item seguinte.

QUE PREOCUPAÇÕES ATORMENTAM OS JOVENS EM RELAÇÃO A CARREIRA PROFISSIONAL?

As atuais ondas de modernização que provocaram o uso acelerado da tecnologia da informação e a automação da produção, promoveram inúmeras transformações e o sistema de emprego padronizado, com trabalho vitalício e jornada integral, foi substituído pelo sistema de subemprego flexível e plural. Esse sistema complexo, baseado em processos altamente tecnológicos, estão delineando um cenário de incertezas e tendências paradoxais. Nesse sentido, Bauman (2009) entende que as transformações contemporâneas, ao produzirem um contexto de incertezas, transitoriedade, descontinuidade e caos, atingem todas as estruturas da sociedade e desencadeiam uma série de consequências sobre como os indivíduos se constituem. O ponto basilar em questão, assenta-se, nas características do mundo líquido moderno, em que a fluidez aponta para a individualização, o imediatismo e a descontinuidade.

Ao serem questionados a relatar sobre as principais preocupações que vem à mente quando pensam no futuro, jovens sinalizam questões que envolvem o mundo do trabalho como sinônimo de angústia e inquietação. Para Anderson, que é um jovem imigrante de 17 anos de idade, “No futuro, me preocupa, primeiro em ter um trabalho. Sem trabalho a gente não consegue nada. Sem trabalho não tenho acesso aos bens materiais, a saúde, educação, cultura. Não é possível se manter em uma sociedade sem trabalhar”.

Nessa mesma perspectiva, Luan, que é um jovem universitário de 24 anos, se sente assustado em não ter uma vaga no mercado de trabalho e não ser valorizado o suficiente na profissão que escolheu. Se preocupa em “ter que mudar de país para conseguir o valor que a minha profissão merece. Eu vejo que atualmente, infelizmente, nós não temos essas condições nem um pouco explícitas aqui no Brasil, e isso é bem assustador”. Mas será que mudando de país, ele conseguiria encontrar a valorização que procura?

Para Rafaela, uma jovem de 16 anos que está em situação de Liberdade Assistida, “Não tem como eu não ficar preocupada de como vou fazer para ter uma família e garantir o sustendo dela. Nada é possível sem ter um bom trabalho. No mundo cada vez mais competitivo, vejo que as oportunidades estão cada vez mais complicadas”.

“Eu só quero ter um trabalho para ter uma certa estabilidade, para resolver um pouco dos problemas que eu tenho hoje. Eu penso em uma profissão que me dê reconhecimento”, afirma José, jovem imigrante, de 24 anos de idade.

A preocupação da Elisa, jovem agricultora que tem 29 anos, é “com o rumo que estamos tomando. Já não temos certeza de nada. A vida de um modo geral vem mudando, seja nas relações entre as pessoas, no meio ambiente, no trabalho, em tudo, é outro estilo de vida”.

“A minha preocupação é que no futuro eu não consiga ter um trabalho que me garanta acessar as coisas que meus pais me disponibilizam hoje. Eu ficaria muito frustrado se tivesse que baixar o meu nível de vida por não ter capacidade de autossustento”. Relata Lucas, que é um jovem urbano de 20 anos de idade.

Esta geração se refere ao universo do trabalho como sendo um importante elemento, seja como um meio de garantir a sobrevivência, para dar conta das necessidades, projetos da vida adulta, produzir independência financeira, autorrealização e crescimento profissional, ou mesmo para alavancar as possibilidades de consumo, garantia de status e, em determinadas circunstâncias, o reconhecimento dentro da sociedade. Porém, nota-se que as indefinições e incerteza em torno deste elemento social, embora se apresentem para toda a humanidade, são extremamente potencializadas quando se referem ao público jovem, já que o período de transição para a vida adulta no mundo atual não se encontra definido como em outros tempos. O percurso agora é imprevisível e cabe a cada um construir e reconstruir sua trajetória.

Em seu livro “Educação e Juventude”, Bauman (2013) reflete sobre o destino dos jovens diante do panorama contemporâneo. Para o autor,

Os jovens da geração que agora está entrando ou se preparando para entrar no chamado “mercado de trabalho” foram preparados e adestrados para acreditar que sua tarefa na vida é ultrapassar e deixar para trás as histórias de sucesso de seus pais; e que essa tarefa (excluindo-se um golpe cruel do destino ou sua própria inadequação, eminentemente curável) está totalmente dentro das possibilidades. Não importa aonde os pais conseguiram chegar, eles chegarão mais longe. Pelos menos é assim que foram ensinados e doutrinados. Nada os preparou para a chegada do novo mundo inflexível, inóspito e pouco atraente, o mundo da degradação dos valores, da desvalorização dos méritos obtidos, das portas fechadas, da volatilidade dos empregos e da obstinação do desemprego; da transitoriedade das expectativas e da durabilidade das derrotas; um novo mundo de projetos natimortos e esperanças fraturadas, e de oportunidades mais notáveis por sua ausência (Bauman, 2013, p. 45).

Ao longo dos últimos anos, é difícil deixar de notar as inúmeras mudanças que se fizeram presentes na sociedade, especialmente no que se refere ao desenvolvimento econômico global, caracterizado dentro de um modelo laboral altamente tecnológico e digital. As mudanças abruptas e aceleradas que transformaram substancialmente os entendimentos, condutas e concepções no que diz respeito ao mundo do trabalho, são percebidas pelas atuais gerações.

O excerto que segue, traduz o sentimento de insegurança vivido no momento presente pela jovem universitária Márcia, de 24 anos:

Para mim a incerteza em torno do mundo do trabalho é o que tem me gerado ansiedade, não saber muito sobre o dia de amanhã. Quando eu entrei na faculdade, na primeira semana, já estava preocupada em não conseguir arrumar emprego no futuro. Realmente, eu penso que a profissão deixou de ser uma opção de escolha, não basta eu me formar, eu preciso vislumbrar antes de qualquer coisa se esta profissão vai me dar as perspectivas de me manter dentro do mercado, por isso precisa ser muito rentável.

A falta de perspectiva a longo prazo e a incerteza sobre o futuro, descrita pela jovem, está completamente associada aos valores que estão sendo propalados pela estrutura social da modernidade. O que é singular nas dúvidas deste mundo é que elas estão entremeadas nas

práticas de um capitalismo vigoroso. Bauman (2009) explica que as transições que levaram às alterações decorrentes do mundo do trabalho foram determinantes para a configuração da atualidade. Na modernidade sólida, o trabalho tinha uma relação estável com o capital, dada a ligação de mutualidade e dependência entre ambos. Os trabalhadores dependiam de seus empregos para seu sustento, assim como o capital dependia de empregados para a reprodução e o crescimento. Existia um endereço fixo, o capital e o trabalho eram colocados face a face, mesmo que para supervisionar, canalizar esforços, administrar, controlar os trabalhadores, havia um vínculo de longo prazo e mútua dependência. Condições que já não se observam mais na modernidade, conforme destaca o autor.

[...] o capital se livrou do peso dos custos exorbitantes de mantê-lo; o capital ficou livre da tarefa que o prendia e forçava ao enfrentamento direto com os agentes explorados em nome de sua reprodução e engrandecimento. O trabalho sem corpo da era do software não mais amarra o capital: permite ao capital ser extraterritorial, volátil e inconstante. A descorporificação do trabalho anuncia a ausência do peso do capital. Sua dependência mútua foi unilateralmente rompida (Bauman, 2001, p. 141).

A fluidez e a flexibilidade no mundo do trabalho desta sociedade, deixam de lado, segundo Bauman (2001), qualquer preceito de ordem e regulação dos tempos sólidos, tomando corpo o indefinido, o imediato e os trabalhos de curto prazo. A absorção do tempo e do espaço nos mais variados planos e a comunicação imediata por meio das estruturas tecnológicas fizeram a atividade econômica dispensar raízes firmemente plantadas em territórios delimitados. Se antigamente o trabalho possuía uma dependência com o capital, hoje existe uma associação direta com a lógica do consumo.

Na mesma linha, Berardi (2019) afirma que, na nova economia, a flexibilidade evoluiu na fragmentação da atividade do trabalho. O ser humano não existe mais como indivíduo, uma vez que ele é pago por prestações pontuais, ocasionais e temporárias. O trabalho cognitivo tem total dependência da organização capitalista da rede global, dependência que as emoções e o pensamento têm do fluxo da informação.

A esse respeito, Sennet (2019) diria que a narrativa da jovem reflete, na verdade, a experiência do tempo na moderna economia política. Justamente a partir da ideia de que o capitalismo contemporâneo não permite que as pessoas desenvolvam perspectivas seguras e coerentes para suas vidas quando se referem ao trabalho, pois a habilidade de assumir uma postura suscetível a riscos converte-se em uma condição habitual em suas experiências laborais. Há um constante temor do trabalhador da atualidade de se tornar dispensável, por isso as gerações contemporâneas buscam atender aos preceitos das corporações que é adaptar-se às constantes mudanças, desenvolver de forma ágil novas habilidades e estar disposto a descartar velhas experiências. Ainda segundo o autor, o que se propala dentro das grandes estruturas é que os indivíduos devem ser moldados conforme os anseios de um ideal lucrativo. Valores que se disseminam para todas as instâncias da vida dos indivíduos e que, consequentemente, figuram como padrão nas narrativas dos jovens da atualidade, de modo que não há espaço para outros planejamentos.

Ao analisar as características da sociedade atual e o mundo do trabalho, De Masi (2017) afirma que os jovens se encontram em dois tipos diferentes de precariado⁴:

[...] há uma faixa crescente, sobretudo de jovens, que entram e saem continuamente do mercado de trabalho realizando pequenos serviços de todo tipo sem um contrato

⁴ O precariado é aquele setor que se insere os trabalhadores que passam horas no emprego com valores irrisórios para a quantidade de trabalho. Disponível em: <https://www.metlife.com.br/blog/desenvolvimento-pessoal/precariado/>. Acesso: nov. 2022.

ou com um contrato que permite ao empregador a máxima arbitrariedade em decidir sua duração, a remuneração e as modalidades... Ainda mais abaixo há outra faixa quantitativamente crescente, composta por jovens que concluíram os estudos, mas não encontram trabalho. Esse é o grupo cada vez mais numeroso dos Neet (*Not Engaged in Education, Employment or Training*), exposto à depressão, ao desespero, ao tédio, ao descio social (p. 459).

Tais grupos, compostos em sua maioria por jovens, estão condenados a ser consumidores sem possuir direito à cidadania. Tornam-se uma espécie de “indigentes” mesmo possuindo diplomas universitários, com pouco ou nenhum acesso a políticas públicas de seguridade social.

Segundo Sennett (2019), os indivíduos desta geração não conseguem construir por meio de seus empregos planos de vida longevos e de longa consecução, o que, automaticamente, dificulta a constituição de uma identidade a partir do trabalho, assim como inviabiliza relações interpessoais que favoreçam formações de interesses comuns. O entendimento em torno do sentido político do trabalho mudou. Por ser concebido na esfera individual, completamente desvinculado do contexto coletivo, está do mesmo modo dissociado da definição de classe ou das demandas societárias mais complexas.

O autor também discute as implicações produzidas pelo capitalismo flexível, que agride especialmente as formas rígidas do trabalho e da rotina. Espera-se que os trabalhadores sejam ágeis, passíveis de mudanças imediatas, assumam riscos e cada vez menos dependam de leis e mecanismos formais. Na era da terceirização e uberização⁵ dos serviços, isso aparece muito mais otimizado. Há um aumento do trabalho informal, redução no número de empregos, rotinas exaustivas com jornadas longas de trabalho, exigências de múltiplas funções para dar conta das demandas capitalistas.

A atual configuração social faz com que os indivíduos executem tudo o que puderem. Agindo assim, acreditam que alcançarão o “sucesso”, mesmo que seja às custas de si mesmos. O medo de não triunfar torna os indivíduos angustiados, e eles se submetem a um regime de trabalho exaustivo, tornando-se senhores e escravos de si mesmos. Circunstâncias que subjugam o trabalhador, pois favorecem a desqualificação em torno do sentido do trabalho enquanto motor de ação humana para o desenvolvimento social e pessoal, conforme pode ser constatado nos relatos que seguem.

Para Ricardo, que é um jovem urbano de 18 anos:

O meu medo do mercado de trabalho é de ter que baixar o padrão de vida. Por exemplo, se você tem uma família, tem que sustentar essa família, não é mais só você e/ou você ser sustentado. Vejo que na área que eu quero seguir, existe uma sobrecarga de pessoas que hoje já estão sem trabalho, e existe muita concorrência. Já não é possível visualizar carreira promissora, como satisfação pessoal, de gostar de exercer determinada profissão, precisa mais que isso. Eu vejo que para me destacar eu teria que oferecer mais, me aprimorar com cursos, ter um diferencial, especialmente agora que o mundo está cada vez mais tecnológico.

Já para Roberta, que é universitária,

⁵ A atribuição do termo Uberização não se resume ao modelo de atividades exercidas pela Uber, mas a terminologia se refere ao *modus operandi* daquela empresa que ganhou visibilidade e foi largamente dissipado no mercado de trabalho via plataformas digitais. <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/601659-uberizacao-da-vida>. Acesso: nov. 2022.

O mercado de trabalho está difícil. Quando você é nova, que começa em qualquer profissão, você acha que você nunca é capaz, que você é muito crua para estar lá, que só estar trabalhando não vai ser o suficiente. Então, desde que eu ingressei no mundo do trabalho, vivo fazendo alguma coisa para me qualificar, na verdade a gente tem que oferecer algo diferente do outro, até para conseguir manter o emprego. Quando você está começando, você é “pau para toda obra”, me colocavam para fazer de tudo. Eu via, no início, as pessoas duvidando que eu seria capaz de seguir, de conseguir fazer um bom trabalho. Isso fez que eu exigisse muito de mim mesma.

A reestruturação do mundo do trabalho diante da economia globalizada ocasionou reformas estruturais que Sennet (2019) pontua como sendo: o desenvolvimento das novas tecnologias em escala global; as mudanças organizacionais das corporações; as fragmentações e os perfis de capacitação. Todos esses aspectos podem ser identificados nas narrativas dos jovens, os quais refletem os padrões de condutas por eles assumidos. As situações sinalizadas evidenciam a instabilidade provocada pelo sistema adotado, especialmente nas últimas décadas, em todos os aspectos relacionados ao universo laboral, seja na renda, na representação, no mercado, na profissão ou outro aspecto. Circunstância que faz prosperar condições sociais fragmentadas, o que incide também no modo de ser e pensar na vida e nos projetos futuros. Pode-se aferir, a partir disso, que as condições impostas pelo sistema baseadas no modelo de trabalho de curto prazo, permanentes instabilidades, pressões constantes, criam um conflito entre caráter e experiência, que ameaçam a capacidade destes jovens de transformar seus ideais em narrativas sustentáveis.

As incertezas do presente, assim como as dúvidas no que diz respeito ao futuro do trabalho, coloca em teste o próprio senso de caráter pessoal destes jovens. Sennet (2019) explica isso no livro “A corrosão do caráter consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo”, cuja primeira edição foi escrita há mais de duas décadas, porém, ainda muito pertinente para os dias de hoje. Para ele, é muito natural que a flexibilidade cause ansiedade, pois as pessoas não sabem que riscos serão compensados e qual o caminho a seguir. As incertezas no ambiente de trabalho com ênfase nos trabalhos a curto prazo, que atacam as formas rígidas da burocracia, as consequências da rotina exacerbada e os sentidos e significados atribuídos ao trabalho, não permitem que as pessoas desenvolvam experiências ou construam narrativas coerentes para suas vidas. É o que afirma nesta passagem:

[...] caráter é o valor ético que atribuímos aos nossos próprios desejos e as nossas relações com os outros. [...] o caráter de alguém depende de suas ligações com o mundo. Neste sentido “caráter” é o termo mais abrangente de seu rebento mais moderno de “personalidade”, pois este se refere a desejos e sentimentos que podem apostemar por dentro, sem que ninguém veja. O termo caráter se concentra sobretudo no aspecto a longo prazo de nossa experiência emocional. É expresso pela lealdade e o compromisso mútuo, pela busca de metas a longo prazo, ou pela prática de adiar a satisfação em troca de um fim de futuro (Sennet, 2019, p. 10).

Vive-se, diante disso, o capitalismo mais nefasto e incerto, em que a segurança foi eliminada sob o altar do risco e da aposta de maior liberdade para os indivíduos moldarem suas vidas. Trata-se, porém, de uma liberdade ilusória e ou falsa. Esta nova ordem impõe novos controles, que são difíceis de entender, causando impactos sobre o caráter pessoal do ser humano.

Os indivíduos da sociedade atual se tornaram “multitarefa”. Essa transformação se deu com a sobrecarga de trabalho (“autoexploração”) somada com o excesso de informações e estímulos para o consumo enunciados pelo aparato midiático, responsáveis pela fragmentação. Esse “sujeito de desempenho” experimenta a contradição de viver uma liberdade coercitiva (Han, 2017).

Neste regime, segundo Han (2017), a exploração não está associada diretamente à alienação e, sim, à liberdade e autorrealização. Não é mais o outro como explorador, mas o eu próprio que explora a mim mesmo de boa vontade na crença de que possa me realizar. “E me realizo na direção da morte. Otimizo a mim mesmo para a morte” (Han, 2017, p. 115-116).

Com olhar crítico em torno da sociedade capitalista, Beck (2011) corrobora com o entendimento dos demais autores de que o mundo do trabalho é extremamente incerto. Para o autor, as alterações em nível global diluíram valores essenciais da sociedade do trabalho, assim como romperam a relação histórica entre capitalismo, Estado de bem-estar e democracia, de modo que, no contexto contemporâneo, localiza-se o capitalismo que não tem outros objetivos senão o lucro, a exclusão social e o desdém com o ser humano produtor de mercadorias. O objetivo final desse sistema dominador, sustentado na maximização do lucro, situa-se na universalização de uma espécie de analfabetismo democrático, bestializando em massa os seres humanos.

Na sociedade contemporânea, outras capacidades suplementares tornam-se cruciais para a sobrevivência, já que o indivíduo é o único responsável pelo seu triunfo ou frustração, cabendo a ele mesmo investir em si. Os excertos que seguem exemplificam esta condição. Maria, com 16 anos de idade e em Liberdade Assisida, declara:

De um modo geral não vejo nenhuma profissão que me dê segurança. Nenhuma faculdade que você vai fazer é seguro que você vai ter um trabalho bom e que você irá ganhar dinheiro. É muita gente concorrendo no mercado e, para a gente que é jovem e precisa ingressar, é difícil. Tem que correr atrás.

A mesma preocupação é sentida por Arthur, jovem urbano de 20 anos: “Hoje o mundo do trabalho é como uma corrida, muito competitivo. Então não resta outra alternativa senão estar em constante qualificação. Não importa qual a profissão você escolher, você precisa ser o melhor”.

Em ambos os relatos, a flexibilidade, no que se refere à qualificação, é uma das características necessárias para a sobrevivência diante deste cenário cada vez mais competitivo. O sucesso e o fracasso na corrida pela singularidade dependem da fugacidade de seus competidores e de sua capacidade de adaptar-se ao novo e desfazer-se do ultrapassado. Trata-se, de acordo com Bauman (2008), de fazer de si mesmo uma mercadoria vendável, elevando o poder de atração do consumidor final, neste caso, as empresas. A sociedade de consumo não está apenas relacionada à compra de objetos; compra-se competência, experiência, perfil profissional, dentre muitas outras habilidades. “Há muitas áreas que precisamos ser mais competentes, e cada uma delas requer uma ‘compra’. ‘Vamos às compras’ pelas habilidades necessárias a nosso sustento e pelos meios de convencer nossos possíveis empregadores de que as temos” (Bauman, 2001, p. 88).

Este cenário faz com que a produtividade seja crescente e, conseqüentemente, que os indivíduos busquem sempre o desempenho em detrimento de qualidade de vida. Essa aceleração acaba deixando as conquistas individuais do hoje se tornarem obsoletas amanhã, num ritmo frenético de descartes.

Os tempos atuais são definidos por Han (2017), como “sociedade do desempenho”:

É precisamente a impossibilidade – condicionada pela sociedade – de formas objetivamente válidas e definitivas de conclusão que leva o indivíduo para dentro de uma repetição narcisista, de tal modo que não consegue alcançar qualquer configuração, imagem estável de si mesmo nem caráter. O sentimento de ter alcançado uma meta não é “evitado” deliberadamente para aumentar a autoestima. Antes, o sentimento de ter alcançado uma meta jamais chega a se estabelecer (Han, 2017, p 65).

A vida do trabalho sempre foi de grandes incertezas, porém, o destaque dado às incertezas da modernidade constitui-se pelo fato de que, na atualidade, ela se direciona à individualidade. A partir do momento em que se dissolvem os interesses comuns, as ansiedades e angústias passam a ter tendência de resoluções individuais e não por uma classe unificada. Assim como Bauman (2009), Beck (2018) também comunga da ideia de que nos tempos atuais há uma cisão entre o capital e o trabalho, o que traduz outras incertezas diferenciadas das oriundas dos tempos anteriores.

Avançando ainda mais no que diz respeito ao tema no contexto das transformações tecnológicas, há que se considerar o quanto isso repercutiu na forma e na concepção do trabalho, fora o que envolve, entre outras, as questões de automatização e substituição da mão-de-obra. Este é um dos grandes temores das gerações atuais, tratado por Sennet (2019) como “fantasmas da inutilidade”, que envolve o desenvolvimento tecnológico que substitui o trabalho humano, somado à ampliação do desemprego, à redução de salários e à gestão do envelhecimento. Em suas análises, assim como Sennet (2019), tanto Bauman (2009) como Beck (2018), compartilham da ideia de que a dependência do trabalho em relação ao capital fez sucumbir as regras e a profundidade dessas experiências seguirem contra toda a lógica humana, não poupando nem mesmo os mais estreitos laços de afinidade entre as pessoas.

Dentro de uma sociedade sob o regime de aleatoriedade, de valores flutuantes, a precariedade manifesta-se como uma impossibilidade de traduzir as interações em ações e comportamentos, o que abala a formação da nova geração. Desse modo, o futuro passa a ser uma ameaça quando a imaginação coletiva se torna incapaz de enxergar possibilidades alternativas para eliminação da exploração, miséria e a violência. E esta parece ser a situação atual, porque a economia se converteu em sistemas de automatismos tecnoeconômicos aos quais a política está intrínseca (Berardi, 2019).

Para este autor, o sistema econômico em desenvolvimento nas últimas décadas do século passado não é a causa da transformação que surpreendeu as formas de trabalho e subverteu as políticas conquistadas ao longo de um século e meio de história. Trata-se da legitimação ideológica e da implementação de um processo que se desenvolve nos interstícios da infraestrutura técnica digital nas profundezas do psiquismo coletivo. Nesse sentido, ele esclarece:

Pensemos no que era o trabalho na época industrial. O trabalhador era uma pessoa jurídica, um indivíduo, um corpo que emprestava o seu tempo [...] ao capital para que este pudesse sugar ao máximo de valor possível. Mas, naquele âmbito, a pessoa era portadora de direitos políticos e sindicais, e o corpo físico era movido por pulsões, instintos, desejos e fraqueza. Em uma luta-negociação ininterrupta, o capital e o trabalho entravam em conflito, faziam acordo e estabeleciam regras. Reconheciam-se direitos [...]. Quando o processo de produção se transforma em rede digital [...], não há mais nenhuma necessidade da pessoa jurídica do trabalho nem de seu corpo físico [...] A pessoa é apenas um resíduo irrelevante, incambiável, precário do processo de produção de valor. [...] Não pode reivindicar nem um direito nem se identificar como singularidade (Berardi, 2019, p. 139).

Em outras palavras, o que está explícito é que o “progresso” tecnológico da inteligência artificial, da internet das coisas e da robótica avança na dissolução das relações de assalariamento, do chamado emprego formal que sustentou essas relações ao longo dos séculos de evolução da denominada economia de mercado. Amplia-se a subordinação das grandes estruturas monopolistas que emergem das transformações tecnológicas e organizacionais.

A maioria dos seres humanos vivem dominados pelas preocupações decorrentes das relações cotidianas advindas das pressões do mercado, dos seus chefes, colegas e até clientes, os quais carrega consigo para onde quer que vá, por meio dos seus laptops, telefones celulares e outros meios de comunicação digital. Não há mais justificativa para a ausência de respostas, já que a todo o momento se está sempre as ordens e conectados. A fronteira que divide a jornada de trabalho e o tempo livre, o lar e espaço laboral fora quase eliminada. Na era digital, a todo e qualquer momento a vida pode ser demandada aos deveres do trabalho e as demandas do capital, grande responsável por regular esse tempo. Berardi (2019) entende que:

Capital que se recombina e trabalho precário são as figuras dominantes na cena do nosso tempo. O capital não precisa mais usufruir de todo o tempo de vida do trabalhador, precisa apenas de fragmentos isolados de seu tempo, instantes de atenção e operatividade. O capital quer se ver livre para transitar para todos os cantos do mundo com o fim de encontrar todo fragmento de tempo humano disponível para ser explorado pelo salário mais miserável (Berardi, 2019, 137).

Dessa forma, o indivíduo contemporâneo, em benefício de um consumismo e do materialismo, renuncia ao espírito comunitário para tornar-se individualista e narcísico, entregando sua liberdade e privacidade em troca da promessa de uma “autorrealização”. Esse comportamento muito comum em jovens do mundo todo nos permite compreender a formação da nova subjetividade, a fragilidade política dessa geração precária e conectada. Para Berardi (2019), a tendência que se percebe nesses indivíduos é o isolamento, a recusa, pois é como se não tivesse mais nada para fazer com a vida social fundada na competição, na violência psicológica e na frustração.

Como consequência, abrem-se os caminhos da individualização dos riscos e contradições sociais institucionalmente produzidos (Beck, 2018). Nesta sociedade, o que resta aos indivíduos é tratar de si mesmos, pensar em si mesmos, pois são os únicos responsáveis pela sua situação individual, seja uma situação de bem-estar, uma situação de abandono, humilhação etc. Os jovens, neste caso, necessitam aprender, sob pena de dispêndio irreversível, a identificar-se como foco de ação, como gestor de planejamento no que concerne à sua carreira, às suas capacidades, enfim, eles mesmos passam a ser a unidade referencial do social. Sob essas condições, o desemprego, por exemplo, é como se fosse um destino pessoal, e os afetados tem que arcar por conta própria pelas consequências, já que o destino coletivo se converteu em destino individual. Nas palavras de Bauman (2009), deixa-se nas mãos dos indivíduos a busca por respostas e práticas de soluções individuais a problemas socialmente produzidos.

“O capitalismo marcou e codificou o corpo do intelecto geral em rede, segundo o modelo operacional baseado na acumulação de valor, e não em um modelo de utilidade social” (Berardi, 2019, p. 182). E, para que tudo funcione nesse sistema, é preciso tornar compatíveis todos os signos que entram em conexão. Seria como fazer uma espécie de reformatação da atividade mental, psíquica, cognitiva e tecnológica da época contemporânea. Essa reformatação da atividade mental tem aspectos técnicos digitais, mas tem também aspectos psicocognitivos, os quais se desenvolvem por diferentes vias: “a comunicação, a engenharia da imaginação, a psicofarmacologia e o processo de formação” (Berardi, 2019, p.141).

Ao tratar especialmente do processo de formação, o autor afirma:

A escola e a universidade são cada vez menos destinadas à formação de pessoas livres e cada vez mais à produção de terminais humanos compatíveis com circuito produtivo. A finalidade cada vez mais explícita da formação é o de tornar os seres humanos dependentes do processo de produção de valor (Berardi, 2019, p.141).

Em outros termos, o que está posto não só para os jovens, mas para a civilização como um todo é que, à medida que o sistema capitalista se modifica, tudo o que permeia o seu entorno precisa fluir na mesma frequência. Por isso são acionadas as diferentes vias de modo nas quais o indivíduo esteja formatado para atender todas as demandas operacionais do sistema produtivo do mundo globalizado e altamente tecnológico. Obviamente, uma das vias mais importantes para que a máquina funcione efetivamente é a educação. As reivindicações em torno dela fluem no sentido de que venha a colaborar tão efetivamente com a criação de uma força de trabalho que favoreça a expansão e a acumulação do capital.

As orientações do sistema produtivo modificaram-se ao longo dos últimos anos, dadas as reconfigurações oriundas dos novos formatos desenvolvidos pelas tecnologias de comunicação e informação. Essas implicações passaram a exigir um novo profissional e sua instrumentalização, de modo a operar em prol do crescimento da produtividade econômica.

É provavelmente por isso que os programas de “educação continuada” tendem a ser remodelados, impreterivelmente e sem explicação, como exortações à “aprendizagem ao longo da vida”- “repassando” desse modo a responsabilidade pela seleção e aquisição das qualificações, pelas consequências das escolhas equivocadas, para aqueles situados do lado do receptor do “mercado de trabalho”, reconhecidamente fluido e instável. [...] Permita-me também acrescentar que a mudança na ênfase da “educação” para a “aprendizagem” condiz muito bem com outra tendência, comum entre os gerentes contemporâneos: a inclinação a “repassar” de seus ombros para os dos empregados a responsabilidade por todos os efeitos, principalmente os negativos, e de modo mais geral a responsabilidade por “não estar à altura do desafio” (Bauman, 2009, p. 160-161).

Muitos equívocos persistem no que diz respeito às prioridades da educação em diversos setores da sociedade, e, portanto, há objetivos meramente econômicos. As iniciativas dos grupos dominantes afeitos por propostas de segregação organizam-se cada vez mais no sentido de direcionar valores e princípios da formação humana dentro dos parâmetros da economia capitalista. Os processos formativos dos jovens têm se desenvolvido em convergência com o mercado produtivo contemporâneo, com a função primordial de desenvolver habilidades humanas para atuarem frente às mudanças tecnológicas do mundo digital. As intenções primordiais convertem-se para transformar a geração emergente em grande capital humano consumista.

Muitos espaços educacionais, embalados pelo desenvolvimento tecnológico, continuam aviltando, mesmo sem perceber, as questões humanas, as individualidades, as culturas não dominantes. Segundo Bazzo (2019), boa parte das instituições de educação em seus diferentes níveis, para estarem de acordo com o ritmo do sistema, seguem inabaláveis na busca da competitividade demasiada calcada na relação custo-benefício, tendo como matriz algo abstraído do seu entorno. Os “conteúdos” seguem sendo “repassados” aos jovens como se fossem ferramentas de treinamento. A reflexão, a criticidade, a análise das diferentes questões que se mostram indispensáveis atualmente não ganham espaço nos hermenêuticos currículos que assentam sua atenção apenas para as inovações tecnológicas e quase sempre dissociadas das questões sociais. De fato, o jovem que se encaminha ao mundo do trabalho passa a ser formatado tal qual uma linha de produção. Todo o sistema convém, ciente ou não, no sentido de moldar estes indivíduos às novas exigências dos mercados, padronizando modelos de formação, condutas e ideais ao sistema de negócios.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Observa-se que o trabalho tem se constituído uma das preocupações dos jovens contemporâneos. A desintegração das vidas individuais numa sucessão de projetos temporários e fragmentados, as dúvidas com relação à carreira, a profissão e a sustentação dentro do mercado, estão presentes em seus pensamentos diários. Diante disso e considerando a confusão de sensações em que a sociedade como um todo se encontra, como poderiam os jovens, que possuem futuro longo, estabelecer perspectivas de vida com projetos duradouros? Qual o sentimento que sustenta o caráter deste indivíduo? Como esses jovens vão decidir seu futuro em uma sociedade impaciente e imediatista? Como traçar metas a longo prazo se a economia é imediata? Como sustentar um caráter de respeito mútuo se as regras da economia capitalista pregam que um indivíduo precisa ser melhor que o outro?

Muitas perguntas para poucas respostas. O que se sabe, é que se vivem tempos sombrios e se a mente humana decidir continuar letárgica diante dos inúmeros problemas desta civilização, certamente, o futuro das atuais gerações estará fadado ao desastre.

Não resta dúvida de que as mudanças no que concerne ao mundo do trabalho dependem substancialmente de transformações que envolvem o sistema como um todo. Se para o sistema dominante fluir precisa configurar todos os signos de sua conexão, para que o oposto se concretize, uma reconfiguração total também se faz necessária. Portanto, não sejamos ingênuos a ponto de acreditar que apenas por uma via podemos alterar o percurso do destino. É sabido, que a refundação de uma nova proposta que venha equalizar e solucionar os problemas humanos necessita, indubitavelmente, de um projeto com princípios e valores coletivos. E a educação, nesse cenário, pode ser a principal ferramenta de transformação social capaz de reunir as partes universalmente interligadas no sentido de romper os ciclos viciosos da segregação e construir discernimentos reflexivos emancipatórios que estejam em consonância com a vida.

Na sociedade industrial do século XX, o poder pertencia aos donos dos meios de produção; atualmente, ele (o poder), segundo De Masi (2017, p. 474), “depende cada vez mais da propriedade dos meios de ideação e de comunicação”. A partir disso, o papel da informação torna-se crucial e, para os trabalhadores fazerem a balança pender para seu lado, é necessário saber utilizar os meios de informação e comunicação.

Falando claramente, é para isso que a educação e a aprendizagem têm alcance e devem ser permanentes e realmente ocorrer ao longo da vida. De modo que concretize, o que Bauman (2009) considera o verdadeiro sentido do “capacitamento”, o qual exige muito mais que a aquisição de habilidades necessárias para desempenhar o bem-sucedido jogo planejado pelas mentes dos outros, mas, principalmente, para exercer a capacidade de influenciar os objetivos, riscos e as normas do jogo. Trata-se de exercer, mais que qualquer coisa, os valores sociais e humanos.

Em suma, os fins decisivos para uma educação ao longo da vida têm de estabelecer vínculos pessoais, desenvolver habilidades de engajamento humano com esforço para transformar este mundo em um ambiente mais hospitaleiro, de cooperação mutuamente enriquecedora de homens e mulheres que lutam pela autoestima, pelo desenvolvimento de seu potencial e pelo uso adequado de suas competências. E que também possam perseguir seus objetivos existenciais com esperança e dignidade na vida.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo parasitário**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Legisladores e intérpretes**: sobre modernidade, pós-modernidade e intelectuais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. LEONCINI, Thomas. **Nascidos em Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

BAZZO, Walter Antonio. **De técnico e de humano**: questões contemporâneas. Florianópolis: UFSC, 2019.

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco**: rumo a uma outra modernidade. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Editora 34, 2ª ed., 2011.

BECK, Ulrich. **A metamorfose do mundo**: os novos conceitos para uma nova realidade. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Revisão técnica de Maria Claudia Coelho. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

BERARDI, Franco. **Depois do Futuro**. Tradução de Regina Silva. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

HARARI, Yuval Noah. **21 lições para o século 21**. Tradução Paulo Geiger. 1ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

KELLY, Kevin. **Inevitável**: as 12 forças tecnológicas que mudarão nosso mundo. Tradução de Cristina Yamagami. São Paulo: HSM, 2017.

MASI, Domenico de. **Uma simples revolução**. Tradução de Yadyr Figueiredo. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

SENNET, Richard. **A Corrosão do caráter**: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 21ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

Data da submissão: 23/10/2024

Data da aprovação: 12/08/2025